

# Stadium

N.º 384 ★ 12-ABRIL-1950 ★ 2\$50

Portugal deixa escapar o triunfo e empata 2-2 com a Espanha—Gonzalvo II, esforçado defesa espanhol, tenta cortar o passo a Travassos, o jogador maravilhoso que iluminou todo o Vale de Jamor



# PORTUGAL DOMINOU A ESPANHA

## MAS NÃO SOUBE SEGURAR O RESULTADO...

Crónica de TAVARES DA SILVA

O desafio Portugal-Espanha da segunda mão da eliminatória da Taça Júlio Rimet tinha o carácter de desforra. Em Madrid, no moderno campo de Chamartin, a equipa nacional esteve longe de dar a ideia do que vale o futebol português. Fomos inferiores a nós próprios. Jogava-se na repetição do encontro do desejo de desforra. Todos anelávamos, ao menos, pela rectificação do resultado. E esse desejo foi francamente atingido. Se não vencemos, não deixamos contudo de evidenciar a luz plena que valiamos muito mais que aquilo que demonstramos em Chamartin, numa tarde desastrosa sem conjunto nem estrutura. O empate não traduz igualdade porque, em boa verdade, fomos superiores ao nosso adversário, devendo simplesmente à falta de Sorte, e a outros factores, não termos ido a Paris disputar um terceiro match que teria o dístico de sensacional.

Por via destas falhas, deve afirmar-se que jamais uma equipa foi tão amparada no Vale do Jamor como esta, apesar do team não representar o melhor do futebol português.

Quando a selecção entrou no rectângulo relvado ouvindo o hino nacional, este irrompeu num coro inspirado, como se houvesse combinação prévia, numa emoção profunda, do peito de todos os portugueses que assistiam à partida. Nem nos lembra momento tão sentidamente nacionalista!

Ao contrário do que sucedera em Espanha, os portugueses envergavam camisola grená e calções brancos, a nossa equipa, vestindo os espanhóis de branco e calções azuis. Quere dizer, as duas federações rompendo um velho uso acordaram em apresentar-se perante a vista dos seus nacionais com a equipa própria.

Portugal alinhou com Capela, Barrosa, Felix e Carvalho, Serafim (do Boavista) e, Francisco Ferreira, capitão; Jesus Correia, Arsenio, Cabrita, Travassos e Albano.

A Espanha formou também um grupo diferente, com Elizaguirre, Asensi, Parra e Gonzalez II, Ontoria e Puchades, Basora, Molowny, Zarra, Ponzio e Gainza.

O encontro foi dirigido por uma equipa escocesa, sendo Mowat o árbitro.

★

Escolhemos a favor do vento, que soprava fraco, ao contrá-

rio da orientação traçada em Espanha. Logo a primeira avançada, a cargo de Travassos, seguida de uma insistência de Cabrita, demonstrou que estávamos resolvidos a enveredar pelo plano de ataque. E nessa tática nos conservámos durante muito tempo.

Certamente, em pequenos pormenores, aliás, tão importantes no jogo, os espanhóis mostraram-se talvez mais jogadores, mas a nossa fibra e entusiasmo suplantaram aquela vantagem. Se Gainza se tornava particularmente notado pela certeza das suas fintas primorosas e desconcertantes, todos os nossos homens trabalhavam com invulgar vontade e energia, levando a melhor.

Arsenio, por exemplo, que, em Madrid, não conseguira revelar-se como elemento batallador, andava numa dobrado de movimentos, sendo útil.

Ao atingir-se o primeiro quarto de hora, a supremacia é evidente. De resto, ela verificou-se pelo tempo adiante — sómente no último quarto de hora perdemos o distintivo da superioridade.

E' notória a tática de Ontoria que, à viva força, por conselho meditado, pretende reduzir a escassas proporções as probabilidades de Travassos. Este impressionaria tão fortemente em Chamartin que os espanhóis se resolveram a tirar um elemento da categoria do catalão Gonzalez III para colocarem no seu lugar o médio da Real Sociedad de San Sebastian, que é tido na vizinha nação como um dos homens que melhor praticam o Sistema.

Mas o objectivo não foi alcançado, visto Travassos continuar a evolucionar em terreno livre, ou por força de desmarcação ou porque Ontoria se esqueceu quase por completo da lição dos seus mestres.

Em todo o caso, mesmo contra o vento — e isto depõe a favor da Espanha — os nossos adversários praticaram sempre jôgo rasteiro, vendo-se que era esta a sua preocupação, mesmo quando não o conseguiram.

Os médios portugueses, bem colocados no terreno, cortavam a maior parte dos lances de combinação do antagonista e as suas iniciativas transformaram-se em ataques perigosos.

Aos 25 minutos, a Espanha coloca-se em vencedor, de golo pertencente à espécie dos chamados contra a corrente.

Zarra dominou Felix e passou a Gainza, que conseguiu adiantar-se a Barrosa para, quase na linha do rectângulo, dar o passe atrasado a Zarra, que mais não teve que fazer do que anichar facilmente a bola nas balizas. Houve quem tivesse dúvidas a respeito desta bola ter passado a linha das balizas quando impelida por Gainza, mas nós tivemos a impressão de que a jogada foi perfeitamente regular.

Os portugueses não sucumbiram. O golpe espanhol foi recebido com raiva, e os avanços nacionais sucedem-se com regularidade e terminam várias vezes com potentes remates. Uma bola de Travassos não entra como que por milagre. Enfim, os portugueses exercem larga pressão, talvez anunciadora de que o empate não deverá tardar.

Aos 28 minutos, quando uma jogada portuguesa finda na area espanhola, Asensi dá um pontapé em Albano e o árbitro é implacável, marcando um penalti. Barrosa não converte a grande penalidade, passando a bola a centímetros do poste. O penalti de Mowat perde-se sem glória, não abrindo o caminho da redenção.

Pouco depois, para se redimir, Barrosa salva no risco de golo uma bola das consideradas certas. Começam as trocas de logares. Albano, a interior, é o Diabo em pessoa, movendo-se rapidamente, tão depressa estando num como noutro logar, ocorrendo a todas as situações. A equipa nacional baixa um pouco de tom, continua a jogar com nervos, e a de Espanha não perde a serenidade, actuando com relativa tranquilidade. Jesus Correia perde jôgo. A Espanha chega ao intervalo com um-zero a seu favor. Que se irá passar no segundo tempo?

★

Volta-se, na segunda parte, ao alinhamento inicial. Os portugueses recuperam novamente a toada de ataque e não deixam socegada a defesa contrária.

O árbitro interrompe a partida para socorrer um jogador magoado e depois lança a bola ao ar batendo-a fortemente no solo, o que é absolutamente contrário ao conceito de que o juiz não deve influir no desenvolvimento do jogo. Admiramos este procedimento!

Aos 7 minutos colocamo-nos, enfim, e já não era sem tempo, na situação de igualdade. Um livre que é muito discutido próximo da linha lateral. Al-

bano marca com um pontapé forte, Elizaguirre defende a soco para longe, e Travassos sem deixar bater a bola na relva arranca um formidável pontapé, que, se tem encontrado o corpo do adversário, tê-lo-la furado...

O momento é de grande emoção. A assistência junta-se à equipa e forma uma boa liga. Portugal joga francamente ao ataque e impõe a sua vontade. Os espanhóis não têm outro remédio do que aceitar o que se passa, remetendo-se a defesa porfiada e na realidade exgotante.

Aos 10 minutos, na marcação de um canto regista-se grande confusão em frente das balizas de Elizaguirre. Albano finta e torna a situação perigosa, aproveitando Jesus Correia a oportunidade. Portugal está lançado no trilho do triunfo.

Os espanhóis não se convencem, e, embora dominados sempre que descobrem uma oportunidade procuram descer ao campo contrário e aproveitar a situação.

Ao quarto de hora, em golpe de contra-ataque, estando o nosso grupo instalado no campo do adversário, Basora corre e domina a bola, para passar por alto a Zarra que, de cabeça, a envia novamente para Basora que continuará a correr e marcará uma bola fantasma, um golo-ofside. O árbitro não valida.

Esta iniciativa como que desorienta um pouco a equipa espanhola, que começa a duvidar seriamente das suas possibilidades. Os interiores espanhóis quase não se vêem no terreno, e este abaixamento permite e justifica a vantagem territorial que estamos a evidenciar e que se traduz em muitos avanços e remates.

Mas o esforço é intensíssimo e a linha portuguesa acusa o desgaste da luta.

Capela intervem com uma defesa de categoria a um remate de cabeça próximo das redes. Mas os portugueses querem segurar o resultado e dão-se à prática de bolas para fora. Esta atitude parece despertar os espanhóis. E' o toque do ressurgir. Estes lançam-se abertamente ao ataque e não encontrando oposição encarniçada provocam perigo. Num desses golpes, aos 37 minutos a bola é passada a Gainza, que, num remate imparável — só por instinto — estabelece o empate, que é uma espécie de bilhete para o Rio de Janeiro. A selecção portuguesa rebusa nas derradeiras energias força suficiente para regressar à toada de ataque,

mas nada consegue praticamente. A Espanha aproveitara hábilmente a «deixa» portuguesa para ficar apurada.

★

A descrição desta partida a todos os títulos emocionante já dá uma ideia de quanto se passou. Temos de atribuir à falta de sorte, em primeiro lugar, o termos sido excluídos. Mas depois deste factor, o empate deve justificar-se à luz de outras considerações.

É inegável que, uma equipa em vena de domínio durante três quartas partes do *match*, normalmente sai vencedora. Por vezes, ainda se pode dizer que o remate é condição imprescindível para se conquistarem os triunfos. Desta vez, porém, não temos esse recurso para justificar um empate que bem deve chamar-se derrota. Tivemos em conta terem sido feridos pontapés às redes de boa marca, e haja em vista o excelente trabalho de Elizaguirre. Pelo contrário, o nosso Capela interveio poucas vezes, e, não estando brilhante, também não praticou erros. Alguns dos remates portugueses merecem até excelente qualificação. Ora, quando se coisas assim correm é à fatalidade que se deve ir buscar o fundamento essencial dos números.

Por debaixo desta realidade há, porém, outros aspectos a ter em conta. A equipa nacional, aliás, como é lógico, muito melhor da inferioridade de Madrid, estava longe de possuir o conjunto desejado e de estar convenientemente ligada. Eram onze homens, alguns deles esplêndidos elementos, outros regulares e ainda outros sofríveis, na realidade convencidos de que estava em causa a sua personalidade — pobre condição humana! — não importando o jogo de equipas, a única maneira de levar de vencida os nossos rivais de sempre.

Julgamos que a selecção não estava psicologicamente preparada para a vitória, e podíamos citar em abono da nossa afirmação algumas cenas de estágio. Mas o que falhou, principalmente, mais do que os homens, pois estes comportaram-se muito bem na partida de *révanche*, foi o conjunto, a base da disciplina de jogo no que respeita ao sacrifício de cada um em favor de todos.

Certamente a selecção dominou mas à base de genica e de nervos, e, se rebuscarmos na imaginação, os jogadores, mesmo aqueles de exibição sem reparos, surgem-nos como valores individuais e não como partes integrantes dum todo. Isto parece desmentir a afirmação de dirigentes, que lemos após o acto de Chamartin, de que não temos valores para formar uma equipa. A questão deve ser posta ao inverso: não soubemos aproveitar dos valores de que dispomos para formar um conjunto ou verdadeira equipa, um todo merecedor a designação de *team*.

Por isto, pela Sorte não nos

ter auxiliado, e por não sabermos assegurar um resultado — que estava bem fechado na mão — o futebol português desempenhou um papel firme nesta eliminatória e foi eliminado nas duas tentativas. Se, quando faltava um quarto de hora, tivéssemos coberto devidamente a defesa de modo a dificultar o adversário, enfurecido, na zona do remate ou grande área, os espanhóis talvez não tivessem aplicado o golpe dos 2-2, magistral criação do fenómeno Gainza.

Assim perdemos uma das melhores oportunidades que nos têm sido dado de bater a selecção de Espanha, que, no Jamôr, confirmou o juízo de estar ao alcance da nossa medida. O ataque de Espanha não conseguiu nem de longe repetir a exibição chemartinesca, embora Gainza e Basora mantivessem os seus créditos, e Puchades continuasse a afirmar-se. Ontoria não tem classe internacional.

O terço defensivo não se afirmou com a ligação indispensável num bloco seguro, mas esteve a um nível superior ao de Madrid. Elizaguirre trabalhou com segurança, assim como Asensi, muito duro, e Parra, jovem elemento de largo futuro.

Foi visível a preocupação individual de vários seleccionados portugueses. Capela não cometeu falhas e teve pouco trabalho, Barrosa esteve trabalhador, Felix praticou vários erros iniciais mas em seguida resgatou-se quase de pleno. Carvalho, um dos estrepantes, comportou-se com brilho, tapando o mais que é possível o rápido Basora. Serafim (Boavista) sobrecarregou a tarefa de Xico Ferreira, a quem se ficaram devendo mais uma vez belos rasgos de energia e visão. Trata-se, no entanto, de um valor positivo. A nossa ala direita valeu muito menos do que a esquerda, a qual teve a oportunidade de pôr em relevo o virtuosismo de Travassos e o dinamismo de Albano. Cabrita, no centro do terreno, procurando cumprir, não se entendeu lá muito bem com os companheiros.

Representa uma boa iniciativa entregar a direcção das partidas internacionais a equipas de arbitragem. Os referidos escoceses dirigiram o encontro com acerto, nas suas linhas gerais, não inflando no desfecho. Enfim, o nosso País despediu-se da Taça Júlio Rimet mas deixou atrás de si um rasto de dignidade, apagando em parte a jornada chamartinesca da desilusão e rectificando valores. Talvez que a Selecção de Espanha jogue um pouco mais, mas não mete medo... Nem sequer chegou a assustar uma equipa nacional que estava longe de representar o autêntico valor do futebol português. Eles, os espanhóis, é que se assustaram. Seguirão agora para o Brasil, mas ao menos sofreram um grande calor no Vale do Jamôr. O dia estava quente!

T. da S.

# RELÂMPAGOS

QUANDO começou a segunda parte do jogo de andebol, nas escaleiras do Estádio Nacional não cabia um alfinete. O sol ardente que se fazia sentir obrigava os espectadores a recorrerem aos coloridos chapéus de papel, o que dava um aspecto multicolor e animado ao recinto.

O público não escondia a sua impaciência. E quando ao microfone disseram que o desafio só começava às 18 e 30, a assistência não escondia, um prolongado *ah!* de desolação.

Ao nosso lado levantou-se um entusiasmo que empunhava uma enorme bandeira, para bradar:  
— Venham eles. Basta de tanto sofrer!

★

QUANDO o helicóptero surgiu a sobrevolar o Estádio todas as cabeças se voltaram interessadas para o alto. Uma senhora que frequentava pouco os desfechos de futebol não se susteve e perguntou ao marido:

— Ouve lá, isto vinha no programa? Quando o *blitch* *voador* aterrou na Praça da Maratona, as suas potentes pás, levantaram nuvens de poeira. Um espectador aflito, com os olhos inflamados, protestou:

— Pois claro. Com uma selecção destas, só atirando-nos poeira para os olhos.

Ainda sobre o helicóptero, registámos o seguinte diálogo, travado entre dois amigos entalados nos seus apertadíssimos lugares:

— Sabes porque é que compraram este avião?

O outro, ignorante da razão, mostrou interesse:

— Não. Porque foi?

— Para o utilizarmos na pesca da baliza...

O amigo teve então, um aceno de compreensão:

— Ah! Agora já percebo porque é que ele veio ao Estádio...

E olhando de revés para uma avançada senhora que a seu lado o esmagava, acrescentou:

— ...d que aqui, já tem por onde pescar!...

★

QUANDO a selecção entrou em campo a assistência explodiu em gritos de incitamento. Foi de facto de louvar a maneira como os nossos jogadores foram recebidos. O público ti-

va confiança, que o jogo não desmentiu. Mas a sorte...

Um assistente com entusiasmo levado ao rubro não se conteve:

— Isto é limpinho! Com camisola à Benfica, não escapa!

O do lado que era *evorês* na mesma proporção em que o outro era *encarnado*, respondeu:

— O que vale, são as transferências.

— Quais transferências?

E o *clédos* com um sorriso nos lábios:

— Quais? Poucas... Só o Barrosa, o Carvalho, o Serafim, o Jesus Correia...

★

A O soarem os acordes da «Portuguesa» a multidão em peso cantou os «Heróis do Mar». Foi bonito pela espontaneidade e pela vibração. Ninguém pôde evitar um frémito de emoção, ao ouvir aquela *côro* poderoso e emocionado de 60.000 vozes.

Quando acabou o hino, um dos que tinha cantado e que não escondia uma *láprimazita*, deixou água na ferveras.

— Devíamos ter modificado os versos finais, «Contra os espanhóis, marcar, marcar!»

★

BOLA sobre a baliza de Elizaguirre. Entrada rápida de Albano. Carga de Parra. Apito vibrante e gesto enérgico do árbitro escocês a indicar a marca de *evorês*. Algumas conversas e por fim ar *altivo* de Elizaguirre a mostrar que não há perigo. Barrosa prepara-se para marcar. Benze-se rapidamente e chuta. A bola foge, foge e sai.

O defeso do Sporting desolado atira-se para o chão arrependido desesperadamente os cabeças.

Um espectador da cabeceira, não pode esconder o seu desapontamento:

— Este Barrosa. Então ele no estádio não marcou penalidades?

Um *solleito* esclareceu:

— Marcou e muitas!

— Então porque falhou esta?

E o esclarecedor acrescenta:

— O senhor não vê que estamos a jogar contra a Espanha?

O indignado, vencido, acaba o diálogo:

— Desculpe. Não me lembrei disso!

UM DO SECTOR 32

## A NOSSA REPORTAGEM FOTOGRÁFICA

Stadium pode apresentar aos seus leitores esta magnífica reportagem ilustrada, por virtude do trabalho esplêndido dos seus fotografos, os nossos prezados camaradas Nunes de Almeida, Amadeu Ferrari, Jorge Garcia, Paixão e Joaquim Manique.

Ao chamarmos a atenção dos nossos leitores para as belas fotografias que publicamos, cumpri-mos um dever que, aliás, nos é grato, vincando a competência destes nossos queridos companheiros de trabalho.

Assine a

«STADIUM»

## BICICLETAS



Para homem, senhora e criança, por preços sensacionais só na antiga casa

ARMANDO CRESPO & C.<sup>a</sup>

116 — Rua do Crucifixo — 124  
LISBOA  
Telef. 2 7027

Série II — Ano VIII — N.º 384  
Lisboa, 12 de Abril de 1950

Stadium  
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA ROSA 252-1.<sup>a</sup>  
Telefone 31137 — LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Hóquei em patins  
em Montreux

# PORTUGAL

na Taça da Europa



A equipa portuguesa de hóquei em patins, que teve comportamento brilhante no Torneio de Montreux

**N**A altura de escrevermos estes simples apontamentos — porque a revista tem de estar feita com a natural antecedência — ainda faltavam disputar-se os encontros correspondentes à última jornada do torneio internacional de Montreux, no qual a equipa lusa de hóquei em patins disputava, pela quarta vez, contra sete nações, de quantas os portugueses têm jogado na Suíça, tomaram parte, além de Portugal, os países seguintes: Alemanha (estrela), Bélgica, Espanha, França, Inglaterra, Itália e Suíça. Os italianos ganharam a competição no primeiro ano (1946) mas os portugueses, segundos classificados então, averbaram depois duas vitórias seguidas: 1947 e 1949. Em 1948, a prova não se disputou, fazendo-se apenas os campeonatos do Mundo e da Europa. Mas em 1950...

Bom, para elucidar o leitor acerca da marcha do torneio — e repare-se que, nestes breves apontamentos, não entra a análise da prova, a qual reservamos para o próximo número, em reportagem mais completa — indiquem-se quais foram os resultados dos quatro primeiros dias (a competição principiou na quinta-feira e concluiu-se anteontem): 1.º dia (à noite) — Suíça-Alemanha, 7-0; Bélgica-França, 5-2; Itália-Espanha, 4-2. 2.º dia (de tarde) — PORTUGAL-Espanha, 4-2; Bélgica-Suíça, 6-3; França-Alemanha, 5-3; Inglaterra...

(Continua na página 10)

Inglaterra — vencedora do torneio



A equipa de Itália



França



Suíça



Espanha



Alemanha



# Portugal-Espanha

## NO ESTADIO NACIONAL



*Cabrita procura entregar a bola a um companheiro numa jogada perto da grande área de Espanha*



*Francisco Ferreira está sempre na brecha, quer se trate de atacar, como aqui, nesta jogada, ou de defender...*



*Foi assim que os portugueses se bateram: com o vigor e decisão que Carvalho revela!*



*Molowny e Felix disputam a bola, com perigo para o jogador lusitano*



*Um canto contra os espanhóis. Eizaguirre acabará por defender a soco*



*O primeiro golo da Espanha! Capela não consegue deter o remate de Zarra que não se vê na gravura*

# UM PUNHADO DE OPINIÕES

**Q**UANDO o árbitro assinou o fim do desafio, começou a debandada daquelas 60 mil almas que «sofreram» enormemente desde o primeiro ao último minuto. Em todos os rostos se via estampada a desilusão. Embora a turma nacional não tivesse perdido, o certo é que o empate não interessava. Todos, sem excepção, confiavam no triunfo, que começou a sorrir aos 10 minutos da segunda parte e se manteve até 8 minutos de termo, altura em que tudo derruiu, com a marcação do golo de empate dos espanhóis.

Se os jogadores foram brilosos, denodados, valentes e portadores de felicitações pelo apego revelado na luta e espírito de sacrifício demonstrado, o público foi vibrante, apaixonado, caloroso, jogando por fora, com um entusiasmo desbordante, com uma fé na vitória... que por lhe ter fugido o deixou desiludido, magoado, indiferente. E os comentários à saída eram quase unânimes, quanto à razão do empate e não da vitória...

Procuramos colher algumas impressões de ambos os lados. O trabalho não foi fácil, mas ao fim e ao cabo, sempre pudemos saber o que pensavam alguns dos intervenientes do prélio e outras pessoas.

## Depõem os portugueses

**SERAFIM** — O novo internacional do Boavista declarou que não jogaram para perder. Continua o complexo de inferioridade perante a Espanha. Está contente por ter sido chamado à equipa nacional, mas desgostoso por não ter havido terceiro jogo.

**ALBANO** — afirmou: continuamos a não ter a sorte por nós. O resultado devia ser outro, a nosso favor e por duas bolas de diferença. Não calcula o que senti de alegria, com a marcação da segunda bola portuguesa!

**CAPELA** — estava cabibaixo. Asseverou: não merecíamos o empate, mas sim a vitória nítida. Jogamos hoje para ganhar sem favor. Aquelle primeiro golo, não me esquecerá. A bola já estava fora do risco...

**CABRITA** — o fogoso algarvio pensava como os companheiros: jogo que já mais esquecerei. A vitória devia ter sido nossa, por um ou dois tentos a nosso favor. Que actuação global tão diferente da de Chamartin! Foi pena... paciência.

**XICO FERREIRA** — disse-nos: Continuamos sem ter sorte quando defrontamos os espanhóis. Este jogo seria uma

das vitórias mais lindas da minha carreira... Em quase todo o encontro tivemos vantagem e a defesa espanhola chegou a estar desorientada... Mas tinha que ser... Eu e toda a equipa estamos impensavelmente reconhecidos pelo clamoroso apoio que o generoso e sempre entusiástico público português nos dispensou. Foi emocionante, inesquecível, ouvir 60 mil pessoas cantarem a «Portuguesa». A mágoa de não lhes termos oferecido a vitória não nos deixará tão cedo... se é que um dia se pode esquecer, o que não acredito.

**CARVALHO** — O «portugues» que jogou tudo por tudo, exclamou: Isto é o que se chama ter azar! Jogamos mais e melhor, e não ganhamos...

**TRAVAÇOS** — o incansável, declarou: Podíamos e devíamos ter ganho pelo que hoje se jogou. Contudo, a ida da Espanha ao Brasil é o justo prémio do seu maior valor.

**BARROSA** — com evidente nervosismo, respondeu: Isto de jogar com a Espanha, é como o Olhanense quando joga com o Sporting... Não ganhamos porque não tivemos sorte. Falhei a grande penalidade... recordação triste que ficará para sempre... Até neste pormenor tivemos «azar». Eu não fiz o tento, é certo, mas defendi outro... Tudo isto é futebol... Com sorte ou sem sorte só se ganha encontros quando se marca mais vezes do que o adversário.

**JESUS CORREIA** — Devíamos ter vencido. Joguei o que pude e em verdade se tudo nos tem saído bem...

**FELIX** — foi conciso: Poderíamos ter vencido. Não foi ainda desta... Afinal provámos que não somos tão inferiores como se dizia.

**ARSÉNIO** — exclamou: Foi pena não termos ganho. Aquelle golo do empate quase no fim, foi uma grande «ducha» de água fria...

*Registadas as impressões do onze português, ouvimos ainda:*

**SALVADOR DO CARMO** — garantiu: Os rapazes jogaram para ganhar, e bem mereciam ter conseguido essa honra, sem favor. Provámos no Jamor que a tarde de Chamartin foi simplesmente infeliz e que o futebol português vale muito mais do que já por aí se dizia com acrimónia. Grande attitude de beleza assumiu o público com os seus incitamentos e aplausos calorosos, pelo que os seleccionadores e a equipa lhe agradecem comovidos.

**TED SMITH** — o treinador foi claro no que disse: — O triunfo esteve à vista. Não compreendo, nem aceito que com tão mágra diferença e com tanto tempo ainda para jogar — mais de meia hora — a equipa se pusesse à defesa.

Continuamos a não ter eficiência em frente das redes. A falta de remate voltou a ser um defeito grande e, então, perante os «spanhóis», a diminuição de recursos e descrença nas possibilidades, é simplesmente enervante. Podíamos e merecíamos hoje o triunfo.

As declarações de Ted Smith, pareceram-nos o eco dos comentários que se ouviam a quando da debandada do público...

## Os espanhóis declararam que...

*Na cabina ao lado, os nossos adversários mostravam-se contentíssimos. Têm assegurada a participação no Campeonato do Mundo. Que melhores «amendoas» poderiam ter desejado? Começamos por ouvir os bilbatinos, amigos velhos, que estimamos e admiramos, e depois alguns dos outros, que nos revelaram o que segue:*

**PANIZO** — O jogo foi enérgico e combativo. Jogou-se com a mesma vontade dos dois lados. O resultado é justo. Gostei de Felix, Travaços e Francisco Ferreira. Estou magoado numa coxa, mas a ida ao Brasil faz esquecer as dores...

**ZARRA** — Não merecíamos perder. Portanto o empate alegro-me por ser justo. Vocês jogaram com mais fibra do que em Madrid. Os avançados portugueses remataram pouco. Gostei de Felix e do Travaços.

**GAINZA** — O empate foi o desfecho lógico do desafio. Satisfiz-me assim como aos meus companheiros. Os portugueses jogaram com entusiasmo desmedido. Não pareciam os mesmos de há 3 dias... Os que mais me impressionaram? Ferreira, Travaços, Carvalho e Felix.

**EIZAGUIRRE** — O jogo foi muito diferente do de Chamartin, o que aliás já esperávamos. Interessava-nos não perder e, por isso, o empate encheu-me de contentamento. Todavia, podíamos ter ganho... e os portugueses também. Assim foi melhor. Agora, rumo ao Brasil, com preparação cuidadosa. Carvalho, Travaços, Felix e Xico, os melhores.

**PARRA** — Gostei do jogo, embora fosse disputado com «ganha». Estou radiante com o empate. Ferreira e Travaços dois excelentes jogadores e Carvalho um defensor seguro.

**PUCHADES** — Não era justo que perdessemos... dai reputar certo o resultado. Não gostei da arbitragem.

**ONTORIA** — Estreiei-me com um empate. Estou satisfeito. Gostei do encontro e de ter contribuído para que a Espanha vá ao Campeonato do Mundo. Carvalho é um bom defensor.

**ASENSI** — Belo jogo! A vontade de ganhar dos portugueses surpreendeu-me. O empate está certo. Gostei de Travaços, Felix, Francisco Ferreira e Carvalho.

**MOLOWNY** — Não poderíamos, com justiça, ter perdido este encontro. Lutámos para ganhar. O empate aceito-o como justo. Foi uma luta sem tréguas. A Espanha estará presente no Brasil por mérito próprio.

## Eis o que alegam o seleccionador e o treinador

**EIZAGUIRRE** — Praticou-se futebol de qualidade inferior, mas os «nervos» não consentiam bonitos. O desafio era de campeonato onde só um desejo imperava: vencer. Estou contentíssimo com o resultado que classifico do justo. Dos meus todos se empenharam com brio, salientando-se Gonzalvo II; dos vossos Travaços, Felix e Carvalho destacaram-se num conjunto voluntarioso em que sobressa a asa direita, apática e sem autoridade.

**BENITO DIAZ** — Foi um desafio de «arrasar». Não se jogou futebol filigranado porque a vontade de vencer mandava que se procurasse o golo. Jogou-se em ambos os campos com «fúria». O resultado pode estar certo, embora... Nos espanhóis gostei de Panizo, Gonzalvo II e Parra e nos portugueses de Francisco Ferreira e Felix. Albano e Travaços, não foram «empre brilhantes». Vamos ao Rio de Janeiro, a nossa grande ambição!

## Outras opiniões

Para rematar, além das impressões expendidas pelos dois adversários, mais algumas, concisas e rápidas, porque o espaço é pouco.

**MOWAT** — o árbitro escocês declarou: os portugueses jogaram mais do que o adversário, embora não rematassem com a insistência que se impõe. Gostou imenso do nosso Estádio e classifica a relva um primor. Os jogadores que mais o impressionaram foram, Gainza, Travaços, Eizaguirre, Albano, Carvalho, Zarra e Felix.

(Continua na pág. seguinte)

# O Homem do dia no Brasil

Partiu D. Mário Abello. O emissário colombiano do Atlético Junior de Barranquilla que viera ao Rio contratar, conforme já em crônica anterior informamos, Heleno de Freitas e Tim, apesar de todas as queixas apresentadas na Polícia e de todos os clamores levantados na imprensa lá seguiu viagem fazendo-se acompanhar não só dos citados jogadores como ainda de Ary e Marinho do Botafogo e Beracochea que foi do Vasco da Gama.

Fiel ao prometido nas suas declarações através de rádio e imprensa D. Mário foi-se sem na sua permanência em terras brasileiras ter tentado aliciar quaisquer jogadores que porventura façam ou venham a fazer falta ao selecionado brasileiro que disputará o Campeonato Mundial. No entanto em conversa particular mantida com a nossa reportagem, foi-nos dizendo que depois...



Da esquerda para a direita: — Marcelo de Arruda, ex-alvi-negro, o emissário colombiano D. Mário Abello, o técnico TIM, dois jornalistas da «Folha Cariocas» e o nosso correspondente, quando no 2.º Distrito Policial de Copacabana, acabaram de ouvir as declarações prestadas por D. Mário

Continua assim mesmo, e apesar do emissário colombiano se encontrar já na sua terra, a campanha em torno do seu nome e das suas possíveis actividades futuras. Aventa-se a hipótese da existência no Rio de um «secretário» que somente aguarda ordens para dar continuação ao exodo, e até nós que por dever de officio nos vimos obrigados a manter um quase que permanente contacto com D. Mário já fomos apontados como «o tal». Manchetes nos jornais apontam-nos como o «Lusitano secretário do aliciador», mas calmos como sempre, vamos cumprindo com os nossos deveres profissionais e deixando que falem... sem razão.

★

Sinceramente entretanto nos admiramos de tanta celeuma em volta de jogadores que a própria imprensa aponta como «impróprios» para o futebol guarabariano. Analizemos no entanto a situação de cada um deles «per si» para que se possa fazer uma ideia de como é grande a injustiça dos homens, e ainda, como estão errados em Portugal todos aqueles que pensam ser

o profissionalismo incompatível com o nosso meio.

Principiemos por: Heleno de Freitas: — Para muitos senão para todos é este um jogador 100 por cento temperamental. Tanto temos dito sobre ele que somente acrescentaremos que Heleno continuará pela vida fora sendo um criador de casos, incompatibilizando-se com directores, técnicos, treinadores e colegas, julgando-se no final um eterno incompreendido.

A sua atitude para com o Vasco da Gama, clube que o acolheu numa altura crítica da sua vida de desportista não tem desculpa. No Grémio da Colina, Heleno só encontrou Amigos com A muito grande que sempre o pretenderam guindar à posição de destaque a que tinha direito como um dos maiores centro-avantes da América do Sul.

Tim e Beracochea, serão dois jogadores fora de quaisquer comentários devido à sua situa-

ção de desempregados. Tim, o famoso interior da Copa do Mundo de 38, considerado na Argentina como o mais cerebral de quantos o Brasil conheceu e denominado «El peon» seguiu como treinador e Beracochea, apesar de militar no futebol brasileiro há bastantes anos e uruguaio de nascimento e como tal com o direito de se locomover para onde quiser. Ambos conseguiram uma situação na Colômbia e ambos vingarão.

Marinho, foi de todos, em nosso entender, a melhor aquisição de D. Mário Abello. Moço, jogador de futuro brilhante como defensor marcador do centro ou do ponta, ele foi vendido ao Botafogo pelo Bangu numa altura em que o primeiro clube tinha necessidade urgente de um reserva para Gerson ou Santos. Depois foi ficando na reserva e acabou sendo reserva do reserva do titular. Os seus 23 anos tornavam a situação que disfrutava no alvi-negro incompatível com as suas aspirações. Casado, com um filho, o vencimento que auferia não lhe bastava, e ele via os anos passarem-se sem melhoria de situação. Mil e quinhentos cruzeiros de vencimento e 45 contos de

contrato, pago em prestações mensais, era pouco. O Palmeiras de São Paulo, quis adquirir o seu passe por 150 mil cruzeiros e o Vasco da Gama dispunha-se a pagar 200 mas o Sr. Carlito Rocha, irredutível como sempre não quis vender. O resultado foi que o jogador acabou por aceitar a proposta da Columbia que lhe permite em dois anos de futebol ganhar mais do que nos 5 em que militou no alvi-negro.

Ary, o goleiro do Botafogo, considerado para muitos como superior a Oswaldo, apesar de ser seu reserva, depois de dez anos de actividade em General Severiano estava sem «enique». O seu contrato de 50 foi feito na base de 20 contos de prémio e 1.500 cruzeiros de vencimento. Também casado e com dois filhos, a sua situação tornava-se insustentável. Rodando a casa dos trinta anos, pretende aproveitar a única chance da sua vida para alcançar a independência.

Quem poderá levar a mal essa atitude? Creemos que ninguém. Mas o receio dos desportistas do Brasil e da Imprensa em geral, não é motivado pela deserção destes elementos. É o sim pela «porta» que ficou aberta a tantos outros e ainda pelas prováveis exigências que surgirão por parte dos jogadores perante os clubes na altura de assinatura de novos contratos. Lógicamente que um Zizinho ou um Ademir, tendo conhecimento de que na Colômbia se paga a qualquer jogador 200 contos de luvas e 10 e 12 por mês de vencimento fora os prémios de jogos, não vão assinar contrato aqui por importâncias equivalentes e pedirão, pedirão até a camisa se os deixarem.

★

Mas a lista continua. Gerson do Botafogo, já está de passaporte pronto e disposto a após o regresso da viagem à Venezuela que o alvi-negro levará a efeito dentro de dias, se trasladar também para Barranquilla. Vivinho também do Botafogo aguarda ansioso o telegrama de chamada e diz-se que Ávila, Juvenal e Santos também estão no campo das negociações. Perguntamos: Porque será que só os jogadores do Botafogo têm sido visados? Responda o leitor a essa... — C. A.

## REMO

## CAMBRIDGE

venceu OXFORD

pela 52.ª vez

A famosa regata Oxford-Cambridge teve, a sua 96.ª edição.

Milhares de espectadores voltaram a vibrar intensamente com o esforço dos dois célebres agupamentos universitários, através dos 6.800 metros do percurso.

Venceu Cambridge, por quatro comprimentos. Esta é a sua 52.ª vitória. Oxford conta 42 triunfos.

# Um punhado de opiniões

(Continuação da pág. anterior)

**FLÁVIO COSTA** — o seleccionador nacional brasileiro, afirmou: O resultado está certo. Os portugueses actuaram melhor do que em Madrid. Gostei poucoamente da arbitragem.

**DR. ARMANDO SAMPAIO**, antigo seleccionador português disse: O resultado está certo. Jogamos o que nos foi possível. Vontade não faltou.

**PORINO**, do jornal «Voz da Espanha», declarou que tinha seguido o encontro com o maior interesse e que a nossa actuação fora muito superior à de Madrid. Classificou de justo o empate.

**EROSTARB**, outro jornalista, da «Marca», entendeu que o desafio foi mais difícil do que em Madrid. A defesa espanhola e os avançados não puderam «luzir» tanto devido à marcação cerrada a que foram sujeitos. O resultado está certo... porque os portugueses rematam, apenas, de longe a longo.

**JAQUES RISWYCK** — enviado especial do jornal francês «Equipe», afirmou-nos: Os portugueses jogaram mais do que em Madrid. A linha atacante progride bem no terreno, mas em frente das balizas, não remata. Muitas avançadas bem conduzidas não resultaram, por falta de um rematador consciente e pronto. O vosso avançado-centro neste capítulo, pode ser apontado como o melhor exemplo de imprudência. Os espanhóis, não pelo que jogam hoje, mas pelo que valem realmente, vão ao Brasil com merecimento.

**JOÃO DE BRITO** — do Comité de Seleção, exclamou: Isto é que é ter «asar», E mais não disse.

Os jornalistas persistentes, não cessavam de fazer perguntas, anotando tudo o que ouviam de quem aparecia de feição, e cujo depoimento merecesse registo.

Havíamos, por nossa banda, conseguido cumprir a incumbência cometida.

A caminho do combóio, continuámos a «escutar os comentários dos «heróicos» aficionados que com tanto calor e paixão, haviam amparado o onze lusitano.

Havia neles o travo amargo do desgosto, por nos ter fugido uma vitória que esteve ao nosso alcance. E a conclusão era sempre a mesma: com o resultado de 2:1, para que se remetesse a defesa uma equipa que ainda tinha mais de meia hora de jogo...

P. C.

Assine a STADIUM



Um dos momentos culminantes do desafio: Barrosa, chamado a marcar o «penalty» atira a bola para fora!



Arsénio aparece a tentar impedir uma defesa de Eizaguirre



Esta jogada dá ideia das dificuldades de Eizaguirre teve de defrontar. Aqui intercepta um passe de Jesus Correia



Mais uma das muitas defesas de Eizaguirre executada com dificuldade



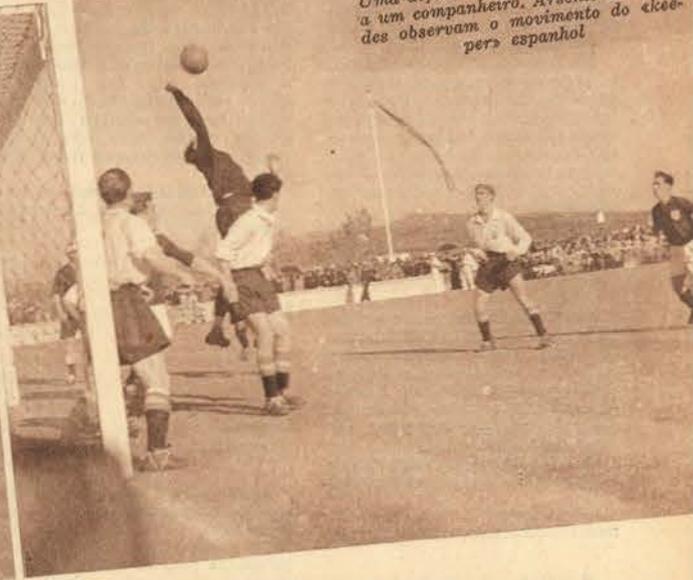
# APESAR DO EMPATE 2-2 PORTUGAL JOGOU MAIS QUE A ESPANHA



Francisco Ferreira corta uma tentativa de Molowny



Albarracín procura escapar-se a Asensi e centrar a bola



Uma defesa de Eizaguirre amparado a um companheiro. Arsénio e Puchades observam o movimento do «keeper» espanhol



Parra luta com um português e domina-o na disputa da bola por alto, pormenor em que os espanhóis foram superiores



Gonzalvo corta de cabeça um passe que se destinava a Jesus Correia

## A HISTORIA DO 2.º GOLO DE PORTUGAL



# Campeonato Nacional

**E**STÃO concluídas as três primeiras jornadas do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, interrompido na pretérita semana em virtude da quadra festiva.

A terceira ronda comportava quatro encontros, todos eles ricos de interesse, de entre os quais aultava, como jogo de grande cartaz, o Vasco da Gama-Benfica.

No campo de S. Bento, jogaram Atlético e Barreirense. Encontro emotivo, autêntico prêmio de campeonato, proporcionou aos alcantarenses bela e preciosa vitória, vitória sem dúvida alguma difícil, que coloca em posição de relevo o grupo do Atlético, mas que pode também constituir justo motivo de orgulho para os campeões de Setúbal, dada a forma como se bateram, dada a energia posta na luta.

Ao fim do primeiro tempo, o marcador acusava 13-10 a favor do Barreirense. Próximo do termo do encontro, os lisboetas tinham ainda, seis pontos de atraso. Deu-se, então, a notável recuperação do Atlético que acabou por triunfar por 26-22.

A poderosa equipa do Barreirense aguarda, pois, a primeira oportunidade para mostrar todo o seu valor. Que o tem, de facto.

No Porto, frente ao Vasco da Gama, os campeões de Lisboa tinham tarefa difícil, num jogo que suscitou grande entusiasmo na Capital do Norte, atraindo numeroso público e proporcionando a melhor receita da temporada.

Os «encarnados», superiores no primeiro tempo, atingiram

o intervalo com o resultado favorável de 15-14, chegando no entanto, a dispor de este pontos de superioridade. Na segunda parte, porém, o Vasco da Gama demonstrando magnífico entendimento conseguiu construir resultado favorável — 39-26 — cabendo a Amadeu a marcação de 18 pontos, o que na realidade constitui proeza individual a assinalar.

Em Coimbra, no campo da Palmeira, a Académica conquistou novo triunfo, desta vez batendo o Fluvial português por 38-26, demonstrando bom poder realizador.

O Algés e Dafundo foi a Sangalhos vencer por um ponto de diferença — 33-32 — os campeões de Aveiro. Isto demonstra bem que o desafio foi rijamente disputado, decidindo-se nos lances finais. O Sangalhos atingiu o intervalo a ganhar por um ponto — 14-13 — superiorizou-se nos primeiros momentos da segunda parte, mas não pôde resistir ao arranque final dos lisboetas.

Concluída a terceira jornada a classificação ficou da forma seguinte:

	J.	V.	D.	MARC.	P.
ACADÉMICA....	3	3	—	99-60	6
VASCO DA GAMA	3	3	—	120-85	6
FLUVIAL.....	3	2	1	75-84	5
ATLÉTICO.....	3	2	1	75-69	5
BENFICA.....	3	1	2	92-103	4
ALGÉS.....	3	1	2	77-105	4
BARREIRENSE..	3	—	3	83-94	3
SANGALHOS....	3	—	3	81-102	3

Académica e Vasco da Gama invictos, apresentam-se neste momento, como favoritos do torneio. Todavia, as próximas jornadas podem reservar surpresas...

O Campeonato prossegue amanhã com o desafio Algés-Atlético, e no sábado com os seguintes encontros: Benfica-Académica, Fluvial-Sangalhos e Barreirense-Vasco da Gama.

Abreu Tôrres

# Os jogos dos sarrenses em Lisboa

**A** utilíssima digressão do S. V. St. Ingbert, sub-campeão do Sarre, uma das regiões alemãs do ante-guerra onde se praticava melhor andebol, terminou com dois jogos em Lisboa, no primeiro dos quais o Sporting foi vencido por 5-6, depois de exibição mais do que meritória e no segundo a selecção de Lisboa alcançou, por 8-7, a única vitória portuguesa.

Ambos os jogos foram interessantes demonstrações da modalidade, surpreendendos no primeiro a eficaz organização dos defensores leoninos, formando — enquanto a resistência dos médios laterais lho permitiu — o muro de sete jogadores; a defesa por zonas, complemento indispensável desta moderna técnica, não foi, nem podia ter sido ainda perfeita, descurando os extremos para convergir no centro.

Para evitar o esgotamento físico dos médios de ataque é de aconselhar, como vimos fazer os escandinavos, alternar a tarefa de recuo para reforço ao muro defensivo, entre os médios, os interiores e os extremos. No entanto, aplaudimos a iniciativa tática do Sporting, depois adoptada também pela selecção lisboeta e que não viramos ainda apli-

cada em jogos do campeonato regional.

Os sarrenses continuaram agradando sobretudo pela acção dinâmica e de rápidas desmarcações dos seus atacantes; os elementos do sector defensivo pecaram por agarrar em demasia e nunca hesitaram em prender ou desviar pela rectaguarda o braço do rematador na ocasião do tiro, o que só uma vez a extrema benevolência dos nossos árbitros castigou com a merecida grande penalidade. Também sistematicamente empregaram a obstrução fechando os braços, o que é proibido pela lei do jogo mas os juizes de campo deixaram passar impune.

Estes encontros com a forte equipa ex-alemã devem ter trazido preciosos ensinamentos, que chegam a tempo próprio agora, que parece assegurado para 15 de Maio o primeiro encontro contra a Espanha.

Precisamos de acautelarmos, porque os progressos dos nossos amigos e vizinhos são de considerar, desde que começaram a ser orientados por um treinador alemão especialmente contratado pela Federação.

JOSÉ DE EÇA

# Hóquei em patins em Montreux

(Continuação da página 4)

terra-Itália, 3-0; (à noite): PORTUGAL - Alemanha, 6-1; Itália-Bélgica, 4-2; Suíça-Espanha, 5-1; Inglaterra-França, 5-1. 3.º dia (de tarde) — PORTUGAL-França, 3-0; Espanha-Alemanha, 9-1; (à noite): Itália-Suíça, 3-2; Inglaterra-Bélgica, 6-1. 4.º dia (de tarde) — PORTUGAL-Bélgica, 7-1; Itália-Alemanha, 5-1; Espanha-França, 3-1. Inglaterra-Suíça, 8-4; (à noite): Bélgica-Alemanha, 6-3; Inglaterra-Espanha, 5-3; Suíça-França, 5-3; PORTUGAL-Itália, 5-1.

Do que se infere, portanto, que a turma de Portugal (Emídio, Raio, Sidónio, Correia dos Santos, Velez e o estreante José Dias, contra espanhóis, alemães e franceses; Emídio, Raio, Edgar, Sidónio, Correia dos Santos e Velez, contra belgas e italianos — ou seja, nas duas últimas partidas, entrada de Edgar e passagem de Sidónio ao ataque) conquistou cinco belíssimos triunfos (25-5) em igual número de encontros. Os mais expressivos, anote-se, verificaram-se precisamente com o «reforço» de Sidónio à frente, ao lado do magnífico marcador que é Correia dos Santos.

Os primeiros vinte e cinco

golos pertenceram a Correia dos Santos (20-5 à Alemanha e outros tantos à Itália; 4 à Espanha e igual número à Bélgica; e 2 à França); Sidónio, 2 (à Bélgica); Raio (à Alemanha), Velez (à França) e Edgar (à Bélgica).

Repare-se que Correia dos Santos — o melhor marcador do torneio e talvez um dos mais perigosos avançados do Mundo — obteve todos os golos contra a Espanha (4) e a Itália (5). Ao assinalar-se-lhe o primeiro tento aos alemães, o excelente hóquista de Paço de Arcos tinha ultrapassado o «record» de seu primo Jesus Correia (84) e, na marcação do primeiro golo aos italianos, chegou à bonita conta da sua primeira centena e quantos mais?!... — em desafios de carácter internacional. É, sem dúvida alguma, uma proeza admirável — que merece registar-se com o devido realce. Que, em boa verdade, o seu feito não deve ficar por aqui — tantas as qualidades do popularíssimo Zeca, o qual, por ser ainda novo, está, como usa dizer-se, em muito boa idade para prosseguir largos anos na sua vitoriosa carreira brilhante carreira desportiva: É natural, até, que muito breve conquiste outro «record»: — o do número de presenças na Equipa Nacional. — J. M.

## Condições de assinatura

### Pagamento adiantado

Custo por número . . .	2\$50
3 meses, Esc. . . . .	32\$50
6 » » . . . . .	65\$00
12 » » . . . . .	130\$00

# ARCADIA DANCING DE LUXO

VARIEDADES às 0,15 e 2,15

Apresenta, num programa de variedades sempre renovado, as extraordinárias bailarinas

Olga Mendoza — Hermanas Goyecas — Mary-Mely — Hermanas Baron — Maria Luisa Royco — Zoraida — Hermanas Avila — Mary Arilla

Música alegre pelas dinâmicas orquestras

Melody Boy's • Arcádia

# O BRASIL E A TAÇA DO MUNDO

Especial para «Stadium», do nosso redactor CANDEIAS ALVAREZ



À esquerda: — ADEMIR — jogador de grande inspiração. Tem 27 anos, mede 1,72 e pesa 70 quilos. Ultimamente defendeu as cores do Vasco da Gama. Já ganhou mais de 500 contos com o futebol. À direita: HELENO DE FREITAS — Um dos jogadores mais discutido do Brasil. Tem 30 anos de idade, mede 1,77 e pesa 73 quilos. Fez parte das equipas do Fluminense, Botafogo e Vasco. Seguiu agora, na mira do oiro para a Columbia.

**N**ADA melhor que a observação do combinado carioca e sanpaulino que disputarão entre si o título de Campeão Brasileiro de Futebol para analisarmos convenientemente até que ponto são suscetíveis de crédito as possibilidades brasileiras com vistas ao título mundial.

Para isso iniciamos a nossa observação no encontro disputado entre cariocas e mineiros nas meias-finais do aludido Campeonato e amplía-la-emos neste s «matches» finais entre os dois crónicos adversários.

Sinceramente leitor, somos forçados a dizê-lo, esta apresentação no Distrito Federal do «eleven» carioca se nos não desiludiu por completo deixou-nos no entanto péssima impressão.

Durante 90 minutos nem uma réstea de técnica conseguimos descortinar. Por vezes os jogos de futebol na praia entusiasman-nos mais.

Sem técnica — repetimos — sem qualquer tática preconcebida, deixados ao sabor da improvisação os metropolitanos apesar de integrados de quase todos os «cracks» indispensáveis ao seleccionado do Brasil, surgiram-nos bisonhos em demasia. Já a imprensa no encontro anterior, disputado em Belo Horizonte, havia afirmado que «as coisas não corriam como seria para desejar», mas, naturalmente, jogando fora de casa não era lógico poder-se exigir muito de um combinado que pela primeira vez aparecia em campo neste 1950. Ora nomes como Barbosa, Juvenal Ely, Bigode, Chico, Maneca, Ademir, Zizinho e Tesourinha integrados em qualquer selecção são por princípio sempre fiadores odóneos do valor inofensível do conjunto. Mas desta vez, deram-nos «gato por lebre». Muito individualismo, muita troca de passes entre os atacantes como que receando todos eles a responsabilidade do «shoot» e mais nada.

Não fôra o citado individualismo de Chico e Maneca e teríamos o conjunto carioca vencendo por um inexpressivo 1 a 0 que no nosso entender seria o lógico resultado do placard. A defesa onde encontramos Barbosa, Santos e Juvenal, se exceptuarmos o primeiro foi um fracasso. Santos e Juvenal não se entenderam e os atacantes contrários abriram brechas quando e como quiseram, sendo contudo impotentes para vencer a classe indiscutível do guarda-redes vascaíno atravessando um período de forma áureo. A falta de Augusto às voltas com uma distensão foi notória. Na linha média constituída por Ely, Lôla e Bigode somente o primeiro fez jus à sua reputação. Também aqui a falta de Danilo, péssimamente substituído pelo reserva vascaíno Lôla se fez sentir. So-

bre este assunto não compreendemos a atitude de Flávio Costa e Oto Glória. Existindo no Rio de Janeiro centros-médios como Mirim do Bangu, Ávila do Botafogo e Índio do Fluminense torna-se para nós impossível de explicar os motivos que os levaram a recorrer aos serviços do reserva vascaíno. O resultado é que o jogador em questão foi de uma nulidade surpreendente. Conhecemo-lo capaz de num futuro próximo poder integrar com propriedade a equipa principal do Vasco da Gama, mas no presente, ainda — e demasiado cedo. Quanto a Bigode, a fora uma ou duas investidas no seu género e dois cortes magistras salvando a sua rede nada mais vimos fazer. Lá no sector atacante, Nestor substituindo Tesourinha foi fraco. Teve de prodigioso o terceiro golo. Golo a que já nos habituou, com patente registada e que ditou a derrota do Arsenal de Londres ante o grémio da Colina quando da sua estadia no Brasil. Correndo em profundidade junto à linha lateral, quase sobre o risco, Nestor num virango surpreendente fez anichar o balão nas redes confiadas a Chico, fazendo aquele passar por entre o poste e o corpo do guarda-mineiro. Maneca e Zizinho, ambos interiores de ligação não conseguiram reeditar as suas anteriores exibições. O primeiro habituado no Vasco a servir atrasado não conseguiu adaptar-se à nova posição. Zizinho por demais individualista pecou pela morosidade. Ademir também se afundou e somente Chico nos deu ideia daquele Chico que todo o Portugal conhece. É a melhor promessa de que o Brasil conta para o lugar de extrema esquerda. Promessa não na idade ou no jogador que se celebra, mas promessa porque uma das dores de cabeça de Flávio Costa era precisamente esse posto.

Aguardemos no entanto o que nos dará o primeiro Rio-São Paulo para analisarmos em conjunto o poderio dos dois quadros.

Uma pergunta no entanto fica no ar: Será que a jogarem desta forma pensam os brasileiros vencer o Campeonato Mundial?

E o Rio-S. Paulo proporcionou-nos de facto uma melhor observação não só sobre os indispensáveis da selecção do Brasil, como ainda sobre o poderio dos conjuntos em acção. Desta vez, os cariocas deram-nos a ideia próxima do seu real valor. Fazendo substituir Lôla por Alfredo e Nestor por Maneca entrando Iposucan para a meia-direita o elevar Guanabasio, proporcionou-nos 80 minutos de bom futebol e 10 de extraordinária «Associations». Foram esses 10 minutos iniciais que ditaram a derrota do combinado bande-

rante como ditaria a de qualquer Selecção. O golo de Zizinho aos 30 segundos aproveitando o cruzamento de Chico foi de estontear. Animados com o feito voltaram os cariocas ao ataque e aos 3 e 7 minutos elevavam a contagem para 3 a 0 com golos novamente de Zizinho e de Iposucan, tendo este encerrado a contagem aos 13 minutos. Ora com 4 a 0 no placard em tão curto espaço de tempo não há equipa que resista, e passamos a assistir ao desinteresse pelo golo em proveito do espectáculo, do chamado baile.

Mas analisemos a actuação dos jogadores.

Barbosa nas redes foi extraordinário com dois ou três lances daqueles que o público já grita «goal!» Antes do balão entrar, simplesmente admirável a sua colocação.

Santos e Juvenal desta vez fizeram subir uns pontos na sua cotação. O segundo especialmente foi da uma tenacidade espantosa.

A linha média agora com Alfredo, Ely e Bigode cumpriu integralmente dominando todo o jogo adversário no meio do terreno. Alfredo foi o mais fraco. Ely deslocado para o centro cumpriu e Bigode foi aquele Bigode que conhecemos em outras épocas.

Na frente Chico continua num crescendo de forma que lhe garante o posto na Selecção; Iposucan lutou bravamente; Ademir correu os 90 minutos, deu batalha à defesa contrária e distribuiu muito bem. Zizinho foi a grande figura. Jogador cerebral deixou

loucos os seus marcadores e Maneca satisfez.

Ora com este sector jogando tudo o que sabe, pode o Brasil estar tranquilo, mas a verdade é que nem sempre jogam dentro do mesmo padrão técnico.

A improvisação, desta vez substituiu o conjunto, mas no próximo domingo, provavelmente, voltarão à primeira forma. É esta incerteza que tem dado muitos amargos de boca aos torcedores. Pode de facto o Brasil apresentar um conjunto poderoso não só colectiva como individualmente, mas e apesar de todos os ensinamentos ministrados eles terão sempre o sabor da improvisação a imperar.

Flávio Costa tem convocado o melhor; a nata dos jogadores brasileiros. Se os conseguirmos penetrar de que o futebol é um jogo de conjunto onde o malabarismo individual não tem cabimento, então sim, poderá o Brasil ter aspirações. E que grandes aspirações.

## Grupos de Basquetebol da F. N. A. T.



O agrupamento de 1.ª categoria do Grupo Desportivo da Companhia Carris que se estreou esta época na modalidade e que segue à frente da classificação com probabilidades de vir a ser o vencedor. No 1.º plano da esquerda para a direita: — Dantas, Barbosa, Carlitos e Herman. De pé: — Jorge Cardoso, Pessoa, Hernani, Paulo e Manuel Cardoso.

*Eizaguirre foi o guarda-redes que teve mais trabalho. Ei-lo preparando uma defesa*



*A energia de Francisco Ferreira patenteia-se neste lance em que, levado pelo entusiasmo, foi cair junto de Eizaguirre*

# JOGADAS DO JAMOR



*Asensi impede que Albano possa alcançar a bola e o ataque dos portugueses perde-se...*



*Barrosa esforça-se para evitar que Panizo fique de posse do esférico*



*Num salto aparatoso Eizaguirre repele a bola, enquanto Parra se opõe à passagem de Arsenio*

*Serafim Baptista, cuja estreia foi auspiciosa, opõe-se numa entrada vigorosa a uma avançada do perigoso Gaínza*





## ATLETICO VENCE O DESPORTIVO DA CORUNHA

1 — A equipa do Atlético que na Tapadilha derrotou com brilho o 2.º classificado de Espanha. 2 — Ernesto, o excelente guarda-

-redes atlético, antecipa-se ao espanhol Franco. 3 — Mais uma das magnificas defesas de Ernesto, «keeper» do Atlético.



A Escola de Equitação António Correia realizou no Jockey mais uma interessante festa para apresentação dos seus alunos. A gravura reproduz o lindo friso de amazonas que tomou parte no festival



A equipa do S. L. Benfica vencedora; depois de três jogos, do campeonato regional de juniores — O Sr. director geral de Desportos, coronel Sacramento Monteiro, entrega a Gomes, capitão benfiquista, a taça brilhantemente conquistada pelos jovens encarnados.



Onofre Tavares, do F. C. Porto, ganha a corrida de 200 quilómetros e com ela conquista o título de campeão do Norte. A direita: J. Fontes, do Salgueiros, campeão de seniores, e Manuel Santos, campeão de juniores

# OS "GLOBETROTTERS"

MALABARISTAS DE BASQUETEBOLE VEM A PORTUGAL

SEGUNDO temos num dos últimos números do *Boletim do Sporting Club de Portugal*, os adeptos do basquetebol e o público em geral terão a rara oportunidade de apreciar, nos dias 5 e 10 do próximo mês de Maio, os extraordinários basquetistas americanos do «Harlem Globetrotters» — um grupo formado exclusivamente por negros — e, também, uma selecção de jogadores brancos, sob a designação de «The Stars of America».

Antes de mais, há realmente que louvar sem reservas tão notável empreendimento que, constituindo alto serviço prestado ao basquetebol português, honra sobremaneira a prestigiosa colectividade que a êle meteu ombros, e que depois de nos ter apresentado, no ano passado, os inesquecíveis atletas americanos que evoluíram na pista do estádio de «José Alvalade» — recordem-se, apenas, os nomes de Fortune Gardien, Fuch, Dixon, Towney, Heltzmann — trás agora até nós os inconfundíveis basquetistas do novo Continente.

A fama dos «Globetrotters»

— dada a sua excepcional classe — de há muito corre mundo. Não admira, pois, que em todos os grandes centros desportivos onde se têm exibido se tenham verificado extraordinárias assistências. É, também, do órgão leonino que respigámos os seguintes e elucidativos dados:

Em Chicago, 21 856 pessoas — recorde em recintos cobertos.

Em Detroit, 14.909 pessoas. Em Cleveland, 12.220. Em Cincinnati, 13.202 e em Boston, 13.950.

A Lisboa deslocar-se-ão sete jogadores negros e sete jogadores brancos; um «manager», um árbitro e um jornalista.

O Sporting é o concessionário das exhibições dos americanos em Portugal.

Estão previstas as seguintes datas: a 5 e 10 jogarão em Lisboa; 6, 7 e 8 na cidade do Porto; a 9 em Coimbra.

Desde já pomos no devido relêvo tão importante acontecimento, augurando à arrojada iniciativa do Sporting Club de Portugal os melhores êxitos, fazendo votos para que dela resulte benefício para o progresso do basquetebol português.

# "OPTUS" E "ESTEMIDO"

ESTÃO SEPARADOS APENAS POR UM PONTO NA CLASSIFICAÇÃO GERAL DA TAÇA D. FERNANDO PEREIRA COUTINHO.

«Optus», o conhecido anglo-árabe do major Helder Martins, que desde o primeiro dia de provas mantém o lugar da vanguarda na classificação geral da «Taça D. Fernando Pereira Coutinho» fez na última «ponte» uma boa prova apenas penalizado com quatro pontos na vala. Este facto aliado a idêntica penalização sorrida por «Estemido», do capitão José Carvalhosa, mantém entre ambos a diferença de um ponto, o que nos leva a supor que a luta — já prestes a terminar — se vai resolver entre ambos.

É certo que, a um ponto de «Estemido» e a dois de «Optus», caminham com firmeza «Fibus», do capitão Rangel e «Novivo», do tenente Granate que, sem dúvida, têm ainda possibilidades de êxito, mas que encontrarão dificuldades, maiores este do que aquele, por se tratar de um cavalo da 1.ª série, onde a pontuação é menor. Salvo que passe agora para «spoule», mais difícil, o que se nos afigura de tentar...

Tudo isto empresta extraordinário interesse às provas que faltam, mantendo, espec-

tadores e concorrentes, em flagrantemente expectativa.

Quanto à «Taça S. H. P. — 1950», destinada, como se sabe, a cavalos a meter, parece mais difícil de prognosticar o vencedor. A tabela da classificação tem sofrido alterações desde o primeiro dia de provas. Assim, «Fajardo» (C. Granate) cedeu o lugar de favorito a «Cudaim» (Ornelas Bruges), que por sua vez se deixou alcançar, no domingo, por «Frondeur» (D. Ana de Mendia). Ambos contam agora 96 pontos, mas «Florim» e «Plê de Plata», respectivamente de Serafim Moreira e Henrique de Mendia, estão apenas a 2 pontos, o que, praticamente, não é nada.

Se a categoria dos quatro cavalos fosse único factor a ponderar, inclinar-nos-íamos para «Frondeur», mas o azar e a sorte têm grande influência no desenrolar das competições, e tudo pode suceder...

A Páscoa obrigou a nova interrupção mas o domingo de intervalo se por um lado desagradou, por outro fez prolongar a expectativa, aumentando o interesse pela competição.

Antas Teixeira

EFFECTUE OS SEUS SEGUROS NA



# ATLAS

COMPANHIA DE SEGUROS

S. A. R. L.

Seguros de Vida ★ Incêndio ★ Automóveis ★ Acidentes Pessoais ★ Agrícolas ★ Marítimos

Transportes Terrestres ★ Aéreos ★ Postais ★ Cristais ★ Roubo, etc.

Agências em todo o País

Delegação

Rua do Almada, 10  
PORTO

Sede

Rua Augusta, 27  
Rua da Betesga, 57

LISBOA

# a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

## FUTEBOL

Tommy Lawton, o prestigioso jogador cujas memórias publicamos em separata, é o homem do momento em Inglaterra. Aos 30 anos de idade, e depois de um período extremamente brilhante, seguido de outro assaz apagado, encontra-se às portas da fortuna.

Ingressou num modesto clube da 3.ª Divisão, o Notts County, e sózinho, com esforço admirável de inspirado incitamento, conduziu o clube ao limiar da subida à 2.ª Divisão. Faltam somente, seis jornadas para atingir a meta e tudo parece indicar que o povo de Nottingham veja conseguida a velha ambição de muitos anos.

★ Liverpool reforçou a sua posição no campeonato da liga, com a derrota imprevista de Manchester United ante o último da escala, o Birmingham, pelo score de 2-0, e a vitória do próprio team sobre Burnley, por igual resultado. Dado que Liverpool tem grandes probabilidades de conquistar a Taça de Inglaterra, no encontro decisivo com o Arsenal, estamos na véspera de um acontecimento importante.

Na segunda Divisão, o Tottenham empatou com Hull City, mas o avanço pontual basta para ingressar no grupo da 1.ª Divisão, mesmo que perca os desafios restantes.

★ A Itália foi batida por 1-0, pelo grupo da Austria, num desafio disputado em Viena. O jogo, de indiscutível beleza manteve-se sempre muito acima da banalidade, só terminando pela diferença mínima porque os austríacos se dispuseram à defesa para garantir o resultado.

★ Na Alemanha efectuaram-se diversos desafios entre grupos estrangeiros e nacionais. O Horst Emscher, de Essem, bateu o Valladolid por 5-0 e em Berlim, o Tennis Borussia derrotou por 10-0, a União Sportiva de Casablanca.

★ A Inglaterra já escolheu o grupo que disputará a Escócia, em Hampden Park, a eliminatória da Taça Rimet. Eis os componentes do team:

Williams; Ramsey; Aston; Wright, Franklin e Dickinson; Finney, Mannion, Mortenson, Bentley e Langton.

Esta formação (diz Roy Peskett) será a mesma que enfrentará Portugal e Bélgica, no próximo mês de Maio.

★ O México resolveu oficialmente concorrer ao Campeonato do Mundo, que se realiza no Rio de Janeiro. Esta decisão ficou resolvida por 13 votos contra 1.

★ Na eliminatória entre o Chile e a Bolívia, o primeiro destes países derrotou o segundo por 5-0. O encontro foi cheio de incidentes.

## BOXE

Ezzard Charles, o preto que sucedeu a Joe Louis no trono dos pesados, feriu-se durante um treino e talvez não possa regressar à vida activa do ringue. A ser verdadeira a notícia (que nos parece um golpe de publicidade, para excitar o público...) o título de campeão ficará vago e o veterano Jersey Joe Walcott já se prepara, na esperança de ascender a sucessor do seu irmão de raça.

★ Rocky Graziano, popular pugilista novairquino e ex-campeão do Mundo de «médios», não volta a recuperar o prestígio perdido. Oposto a Tony Janiro, jovem patricio de peso muito inferior, cujos êxitos recentes o guindaram a figura de primeiro plano entre os «semi-médios», arrancou um empate ao fim de 10 assaltos. O Madison Square Garden encheu-se mas o público assobiou o seu favorito, cujas pretensões a adversário de La Motta parecem definitivamente liquidadas.

★ Rocky Marciano e Rolando La Starza, de origem italiana, são os pesos-pesados que na actualidade se apresentam mais cotados como pretendentes à sucessão de Joe Louis ou Ezzard Charles. A batalha entre estes dois homens poderosos, mas lentos, reuniu em Nova York uma multidão enorme. La Starza, mais científico, perdeu a decisão por pontos e esteve prestes a sucumbir antes do limite, vítima de um formidável golpe ao queixo, que o sentou na lona por 7 segundos, no 4.º assalto. O timbre acudiu-lhe a tempo.

★ Em Detroit, o semi-médio Lester Felton, vencedor contestado de Ktd Gavilan, venceu Bobby Dykes (10 assaltos, por pontos). Em Syracuse, no Estado de Nova York, Ruben Jones, antigo adversário de Cerdan, imitou Felton ao derrotar Nick Barone de igual maneira.

★ Artur King, campeão do Império Britânico (pesos leves) pôs fora de combate, ao 6.º assalto, o cubano Humberto Sierra.

## CAMPEONATO DE ITALIA

Juventus, com 5 pontos de avanço, segue na frente do Campeonato Itália. Em segundo lugar vai Milão e em 3.º Internazionale, a igual distância do 2.º classificado. Na última semana, os «juventinos» bateram os «internacionais» por 4-2, ante 60.000 espectadores, desferrando-se da derrota por 7-1 que os últimos referidos lhes haviam propinado em Fevereiro.

## NOTA DA SEMANA

A indiferença de muito público norte-americano pelo jogo de tennis preocupa bastante os dirigentes, aos quais o fenómeno não passou despercebido e que procuram sustar essa crise de retrocesso.

O advento de profissionalismo, longe de ajudar a expansão do desporto da raquete ou de favorecer o seu desenvolvimento, complicou ambos. E complicou-os porque os melhores executantes de cada época, como Tilden, Vines, Peiry, Budge, Riggs, Gonzalez, Kramer, Parker, Segura, etc., ao abandonarem a hoste dos amadores deixaram-na empobrecida por muito tempo, até que surgiram figuras novas, em condições de substituir as antigas.

Também, analisada a maneira como vive o campo dos profissionais (à custa de meia dúzia de associados em tribu...) explica-se facilmente o bocejar das multidões indiferentes aos duelos repetidos de terra em terra e cujo desfecho já se conhece de ante-mão.

Logo, o profissionalismo divorciou o público do tennis, mais pela separação formal dos dois campos que por fadiga, necessária e lógica, causada pelo tempo.

Viu-se isto em 1949. Os campeonatos profissionais de Forrest Hills, durante a semana dos desafios, tiveram sete mil espectadores, quando o número médio deveria ter ultrapassado o triplo. Igualmente o torneio de amadores anual, de justa reputação, cobrou uma receita mais reduzida do que qualquer outra de há vinte anos para cá.

E' preciso acudir ao tennis! dizem os entusiastas sinceros. Resta encontrar a fórmula capaz de fazer o milagre, acrescentamos nós.

Sydney Wood, antigo jogador que representou os Estados Unidos na Taça Davis, propõe um remédio enérgico e único: permitir a participação dos profissionais nos mais importantes campeonatos de amadores. Por exemplo: Wimbledon, Forrest Hills, etc.

E' inegável o benefício dessa fórmula nova. A Federação dos Estados Unidos não se opõe abertamente, mas teme que os tenistas da hoste amadora saiam demitidos do confronto, acabando por complicar o problema ainda mais.

Impossível? Pelo contrário! Todas as consequências se podem prever, nada ficando por excluir. Indiscutível, e está à vista desde já, é a indiferença do público pelo tennis. Acudir-lhe com a maior brevidade não perdendo tempo em discussões estéreis é o remédio que se impõe administrar.

A equipa de rugby da Grã-Bretanha, ao deixar o porto de Liverpool a caminho da Austrália e da Nova Zelandia, onde vai disputar uma série de desafios, levou consigo grandes responsabilidades.

Nunca se deslocou de Inglaterra para o exterior qualquer embalsada desportiva com tamanha tarefa e tão escassa probabilidade de a conduzir a bom termo. Igualmente, jamais foi tão necessário, para o abalado prestígio do rugby da Grã-Bretanha, mostrar aos Dominios da Coroa que do lado de cá da Europa ainda existe um nível de jogo perfeitamente comparável ao das antigas colónias.

O presidente da Rugby Union, Sr. Walter Moses, exprimiu as suas ideias sobre a viagem atribuindo-lhe verdadeira intensão diplomática e estimulou os componentes da equipa e desfazerem a ideia da decadência do jogo do balão oval, batendo-se em todos os matches como é hábito nos desafios de campeonato.

Quere isto significar que, em Inglaterra, se atribui ao comportamento dos seus representantes, maior papel na vida de relação que há dez anos, ou mesmo vinte. Então, as vitórias retumbantes dos rugbistas da Nova-Zelandia e da Africa do Sul não tinham afectado grande coisa o prestígio nacional, mas agora o caso é muito diverso. Trata-se de conquistar uma posição perdida, ou quase perdida no campo económico e abalada no campo politico. Mais uma vez a linguagem dos torneios desportivos serve de meio de contacto entre as massas, a atestar o peso da sua importância.

Não se esqueceu o mais ínfimo pormenor, ao preparar a equipa que saiu de Liverpool com o rótulo de selecção da Grã-Bretanha; não se escondeu de ninguém as esperanças, postas nos seus componentes, para redobrar o prestígio e o bom nome das Ilhas Británicas; tudo se fez, no campo moral e material, com ordem, método e clarividência, a fim de se atingir o objectivo.

Que contraste flagrante, entre esta maneira de trabalhar pelo prestígio de uma causa e a que se usa entre nós, habitualmente, confiando que o prestígio nacional seja defendido pela divina Providência!

RAFAEL BARRADAS

# IMAGENS

do grande desafio entre  
portugueses e espanhóis



Vai começar o sensacional desafio! As duas equipas entram em campo em Eizaguirre e Francisco Ferreira à frente



Um helicóptero sobrevoou o Estádio Nacional...

As duas equipas perfiladas antes do jogo em frente da tribuna de honra



Eizaguirre e Francisco Ferreira permutam galardetes



O árbitro escocês Mossley e os seus auxiliares



desafio terminou. Espectadores e jogadores espanhóis abraçam-se cheios de contentamento



Esta é a numerosa equipa de fotógrafos espanhóis



A selecção de Portugal



A equipa de Espanha